

FOGUETE

RIO — Tenho todos os motivos para não sair do Rio neste fim de semana. Andei fora, voltei cansado e com a saúde não muito boa, tenho varias coisas a fazer e acertar. Mas recebo um telefonema: são amigos que vão sair à noite, em automovel, para voltar domingo à noite.

Automaticamente respondo que não posso ir, mas minha voz é tão sem convicção que a pessoa insiste. Sinto-me fraco, digo que vou. E como seria criminoso deixar de escrever uma cronica, depois de tantas jaldas, aqui estou batendo à maquina este recado, para dar uma satisfação ao diretor do jornal e aos leitores.

Por que esse apelo das viagens — não somente as maravilhosas, as surpreendentes, mas até as pequenas, quase de rotina? Não é nenhum chamado de amor, nem fuga à solidão se tenho esses amigos que partem tenho muitos outros que ficam — e afinal gosto de um fim de semana de verão no Rio. Sou demasiado preguiçoso para inventar programas — mas por que não resistir a nenhum, ou a quase nenhum? Chega a ser um pouco humilhante, esta minha obediencia a qualquer aceno à viagem. Minha tendencia intima, inconsciente, é ir: minhas viagens, pequenas ou grandes, não são atos positivos, são algo assim como produto da força da inercia. Mania de pegar em rabo de foguete, segundo a expressão antiga, que hoje assume uma certa amplitude astral.

Ora, estamos em ano novo. Passa o primeiro foguete. Um instinto obscuro me faz agarrar sua cauda. Não tenho tempo de inventar outro assunto para escrever, me agarro a este. Desculpem, Adeus.

TERRA DOS GUASCAS - I

Um leitor curioso pede-me para contar como se verificou o povoamento do Rio Grande do Sul. Pergunta «o que era aquilo» antes de se transformar-se em Estado. Como os primeiros civilizados começaram a chegar por lá aí por 1535, necessitei consultar alguns livros de historia para atender a esse leitor, uma vez que, nessa época, eu ainda não tinha chegado aos pampas. Consultei a respeito o embaixador Osvaldo, mas o homem está um pouco esquecido dos principais acontecimentos, de sorte que o remedio foi mesmo recorrer aos livros de Valtér Spalding, visconde de São Leopoldo e padre Tschauer, mas fiz isso com grande prazer. E aqui está o que pediu o sr. Mario Felanda — no jeito que Deus me deu de contar essas coisas, que não é bem o jeito dos historiadores.

COMEÇO

Quando o antigo Continente de São Pedro do Rio Grande, que nesse tempo se chamava Capitania del Rei, começou a ser povoado, apareceram por lá os paulistas à procura de índios e de ouro. Isso foi por volta de 1535. O que hoje se conhece como campanha gaucha, era então sertões impetráveis, habitados pelas tribos indígenas dos guaranis, tapis (ou tape-guaranis), charruas, arachás, calgangs e minuanos. Até 1620 os navegantes passavam de largo por suas costas. Nesse ano, porém, o territorio foi incorporado aos bens de Portugal e seis anos depois os jesuitas espanhóis acamparam na capitania. Na cartografia da Companhia de Jesus o Rio Grande figurava como uma terra existente nas «adjacencias do Paraguai». Três frades jesuitas habitaram o territorio, mas quando os índios guaranis já estavam quase acostumados com sua presença, resolveram eliminá-los. Esses missionarios se chamavam Roque González de Santa Cruz (que tem a honra de ser considerado o primeiro martir rio-grandense), Juan de Castillo e Afonso Rodriguez. Outros missionarios jesuitas foram mandados depois para o continente, começando, então, o que na historia do Rio Grande se chama de «período de dominação espanhola», que se prolongou até 1737, quando os religiosos foram expulsos sem a

queda dos Sete Povos das Missões, de que até agora existem as ruínas. Daí por diante os espanhóis passaram a ser perseguidos.

Enquanto os jesuitas trabalhavam nas missões, Portugal mandou fundar a Colonia do Sacramento, em 1680. Os frades se firmavam no continente e eram molestados apenas por alguns militares e pelos paulistas que penetravam pelo centro, à procura de índios e de gado, duas coisas pelas quais os jesuitas se interessavam vivamente.

INDIOS E BOIS SELVAGENS

O gado do Rio Grande foi levado de São Vicente pelos jesuitas e segundo bons historiadores os espanhóis da baía do Prata já possuíam pequenos rebanhos, quando os frades chegaram ao continente. Seja como for, o certo é que o gado chismarrão proliferou de maneira extraordinária. Os animais que fugiam das missões, tornaram-se selvagens e formaram rebanhos imensos. Mais tarde, depois que os índios aprenderam a lidar com eles, os charruas e portugueses se ocupavam em caçar gado «caçado» e o reter em lugar seguro, para vender aos tropeiros paulistas e lagunistas.

Logo depois da queda das Missões, foi fundado o porto do Rio Grande. Laguna (em Santa Catarina), que data de 1684, tornou-se um trampolim para os sertões do sul. Com ela surgiu a época das expedições. Os lagunistas, que por sua vez descendiam de gente do planalto paulista, desbravaram o territorio, fizeram amizade com os índios e marcaram caminhos em todas as direções. Faziam negocios de compra e troca de gado. Surgiram, então, as primeiras posses, concedidas por El Rei. Alguns lagunistas e paulistas gostaram da terra e ficaram no Rio Grande. Dois ou três caciques viraram capitães. Os brancos ensinaram a eles a maneira mais facil de executar determinadas tarefas e aprenderam dos indígenas alguma coisa de seus costumes. Surgiram as primeiras estancias (fazendas) de gado: um branco sorri para uma india e esta não se espanta daquele gesto. Mais tarde o filho de uma india e de um paulista, rouba, à noite, a filha de um lagunista e começa então a surgir um novo tipo humano — o gaúcho — meio índio, meio boi e meio homem civilizado. (continua)